



## OFICINA LÚDICA E GRUPO DE PAIS: UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA

Gabriel Levandowski<sup>1</sup>

Clairton Puntel<sup>2</sup>

Águida Hettwer<sup>3</sup>

Angelita Maria dos Santos<sup>4</sup>

Marcela Bohn<sup>5</sup>

Gessica Souza<sup>6</sup>

Camila Sbeghen<sup>7</sup>

Jaqueline Bilhalva Maicá Brum<sup>8</sup>

Roberta Sampaio Oliveira Lopes<sup>9</sup>

Marianne Stolzmann Mendes Ribeiro<sup>10</sup>

Ana Beatriz Guerra Mello<sup>11</sup>

<sup>1</sup> Graduandos do curso de Psicologia da Universidade Feevale, estagiários de Psicologia no Centro integrado de Psicologia (2015). E-mail: [gabriell@feevale.br](mailto:gabriell@feevale.br).

<sup>2</sup> Graduandos do curso de Psicologia da Universidade Feevale, estagiários de Psicologia no Centro integrado de Psicologia (2015). E-mail: [clairton@feevale.br](mailto:clairton@feevale.br).

<sup>3</sup> Graduandos do curso de Psicologia da Universidade Feevale, estagiários de Psicologia no Centro integrado de Psicologia (2015). E-mail: [aguidahettwer@feevale.br](mailto:aguidahettwer@feevale.br).

<sup>4</sup> Graduandos do curso de Psicologia da Universidade Feevale, estagiários de Psicologia no Centro integrado de Psicologia (2015). E-mail: [angelitasantos@feevale.br](mailto:angelitasantos@feevale.br).

<sup>5</sup> Graduandos do curso de Psicologia da Universidade Feevale, estagiários de Psicologia no Centro integrado de Psicologia (2015). E-mail: [0106786@feevale.br](mailto:0106786@feevale.br).

<sup>6</sup> Graduandos do curso de Psicologia da Universidade Feevale, estagiários de Psicologia no Centro integrado de Psicologia (2015). E-mail: [gessical@feevale.br](mailto:gessical@feevale.br).

<sup>7</sup> Graduandos do curso de Psicologia da Universidade Feevale, estagiários de Psicologia no Centro integrado de Psicologia (2015). E-mail: [csbeghen@feevale.br](mailto:csbeghen@feevale.br).

<sup>8</sup> Graduandos do curso de Psicologia da Universidade Feevale, estagiários de Psicologia no Centro integrado de Psicologia (2015). E-mail: [jaquelinebrum@feevale.br](mailto:jaquelinebrum@feevale.br).

<sup>9</sup> Graduandos do curso de Psicologia da Universidade Feevale, estagiários de Psicologia no Centro integrado de Psicologia (2015). E-mail: [robertalopes@feevale.br](mailto:robertalopes@feevale.br).

<sup>10</sup> Possui Bacharelado (1991) e Licenciatura (1993) em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999). Atualmente é professora horista, supervisora de estágio e coordenadora dos Estágios Profissionalizantes e Básicos do Curso de Psicologia da Universidade Feevale (2015). E-mail: [marianes@feevale.br](mailto:marianes@feevale.br).

<sup>11</sup> Possui Bacharelado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1992) e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997). Atualmente é psicóloga da Prefeitura Municipal de São Leopoldo e professora adjunta da Universidade Feevale (2015). Tutora do Programa PET – Saúde. E-mail: [anamello@feevale.br](mailto:anamello@feevale.br).



## RESUMO

A Oficina Lúdica e o Grupo de Pais são projetos do Centro Integrado de Psicologia da Universidade Feevale e apresentam, de forma inovadora, o funcionamento desses dois grupos, paralela e concomitantemente. As intervenções terapêuticas elaboradas entre duas linhas teóricas, Psicanalítica e Cognitivo-comportamental, é também um dos pontos de inovação. Tendo em vista a necessidade de atender à demanda de várias crianças que estavam aguardando atendimento psicológico, foi percebida a relevância de trabalhar na perspectiva de reduzir o tempo de espera para atendimento e também o beneficiamento das crianças e de seus pais na relação grupal. As crianças, em sua maioria, foram encaminhadas por escolas com queixas de hiperatividade, desatenção, agressividade, dificuldades escolares, ansiedade, estresse, dificuldades de relacionamento, falta de autonomia e de limites, baixo repertório de habilidades sociais. Acredita-se que, através do lúdico, do brincar, utilizando como ferramenta principal a criatividade subjetiva, cada criança consiga interagir com as outras e, assim, reestruturar formas de pensar, agir e perceber a si mesma e as contingências ao seu redor. O Grupo de Pais visa a proporcionar um espaço de escuta e reflexão sobre as funções parentais, bem como o desenvolvimento de seus filhos e as trocas de experiências.

**Palavras-chave:** Psicologia. Oficina Lúdica. Grupo de Pais. Inovação

## ABSTRACT

The Playful Workshop and the Parent Group are Integrated Center of project Psychology Feevale University and features an innovative manner the functioning of these two group, parallel and concurrently, therapeutic interventions developed between two theoretical lines, psychoanalytic and cognitive-behavioral therapy is also a the innovation points. In view of the need to meet the demand of several children who were waiting for psychological care was perceived the relevance of working with a view to reduce the waiting time for care and also the improvement of children and their parents in the group relationship. The children, mostly, were referred by schools with complaints hyperactivity, inattention, aggressiveness, learning difficulties, anxiety, stress, relationship difficulties, lack of autonomy and limits, low social skills. It is believed that, through play, the play and using as main tool the subjective creativity, each child can interact with each other and thus restructure ways of thinking, acting and perceiving herself and contingencies around. The Parents Group aims to provide a space for listening and reflection on parental functions as well as the development of their children and the sharing of experience.

**Keywords:** Psychology. Playful workshop. Group of parents. Innovation



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a modalidade de atendimento em grupo denominada Oficina Lúdica e Grupo de Pais, que ocorre no Centro Integrado de Psicologia (CIP) da Universidade Feevale, na cidade de Novo Hamburgo. O serviço-escola da Universidade Feevale baseia-se na prática, no ensino e na pesquisa, sendo a equipe integrada por alunos estagiários, professores supervisores, médico neuropediatra, recepção e coordenação.

Tendo em vista a necessidade de atender à demanda de várias crianças que estavam aguardando atendimento psicológico, foi percebida a relevância de trabalhar na perspectiva de reduzir o tempo de espera para atendimento e também o beneficiamento das crianças e de seus pais na relação grupal. Por esse motivo, trata-se de uma prática que busca a inovação, no sentido de tentar, criativamente, atender a uma demanda de atendimento infantil que necessitava de uma resposta imediata e eficiente.

A ideia de um grupo de pais associado às atividades da Oficina Lúdica surgiu a partir da observação de como otimizar o tempo de muitos cuidadores que trazem os filhos para atendimento e permanecem na sala de espera, em um tempo totalmente ocioso. E, principalmente, da preocupação diante das constantes e contínuas modificações instauradas nas estruturas familiares resultantes de muitas e complexas dúvidas no que diz respeito à educação dos filhos.

Diante dos fatos apresentados e focando na inovação dos atendimentos, foram criados a Oficina Lúdica e o Grupo de Pais, que funcionam concomitantemente. Esses atendimentos pensamos como inovador no que tange à modalidade e às abordagens teóricas.

As crianças, em sua maioria, foram encaminhadas por escolas com queixas de hiperatividade, desatenção, agressividade, dificuldades escolares, ansiedade, estresse, dificuldades de relacionamento, falta de autonomia e de limites, baixo repertório de habilidades sociais.

Acredita-se que, através do lúdico, do brincar, utilizando como ferramenta principal a criatividade subjetiva, cada criança consiga interagir com as outras e, assim, reestruturar formas de pensar, agir e perceber a si mesma e as contingências ao seu redor. O Grupo de Pais visa a proporcionar um espaço de escuta e reflexão sobre as funções parentais, bem como o desenvolvimento de seus filhos e as trocas de experiências.

Por se tratar de uma prática de estágio profissionalizante supervisionado e por entender que a troca de saberes enriquece o atendimento sobre o sujeito, formaram-se, para essa proposta da Oficina Lúdica e do Grupo de Pais, equipes de terapeutas de diferentes correntes teóricas. Assim, discutiremos essa prática de atendimento em grupo a partir da visão Psicanalítica e também da Cognitiva-comportamental. Para tanto, traremos alguns recortes clínicos dos grupos atendidos.

## 2 OFICINA LÚDICA

A infância requer um olhar singular. Embora essa questão seja recente, como aponta Ariès (1981, p. 156), torna-se essencial essa diferenciação entre a criança e o adulto: “[...] a consciência da



particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”. Esse desdobramento no que tange a olhar para a infância iniciou-se com Freud, quando postulou que a criança pode ter sexualidade, sentimentos e afirmou que ela “[...] é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor, por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme” (FREUD, 1907/1976a, p. 139).

O atendimento à criança requer que levemos em consideração todas as questões inerentes ao ciclo vital, bem como as dificuldades e os obstáculos que permeiam esse vir a ser. A criança vem para a terapia com sintomas que se referem à estrutura familiar, como refere Lacan, sublinhando que “o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que há de sintomático na estrutura familiar” (LACAN, 2003 p. 369). Assim, para se ter acesso a esses sintomas e à história que a envolve, faz-se necessário, além das técnicas utilizadas para o tratamento com adultos, apropriar-nos do brincar. Essa técnica tornou-se fundamental para alguns autores, entre eles, Klein (1997), que postula que, através do brincar, a criança cria uma cena com simbolismos carregados de pensamentos, desejos, frustrações, em suma, conteúdos inconscientes que são expressos por intermédio do brincar: “Quando brinca, a criança mais age do que fala. Ela coloca atos – que originalmente ocuparam o lugar de pensamentos – no lugar de palavras; isto significa que *‘acting out’* é para ela da maior importância” (KLEIN, 1997, p. 29).

Segundo Winnicott (1975), a brincadeira é universal e própria da saúde, pois o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde. O brincar auxilia nos relacionamentos grupais e possibilita uma forma de comunicação na psicoterapia. Dessa forma, a brincadeira proporciona um exercício de simbolização e é considerada uma característica humana. Além disso, o brincar é fundamental para estabelecer contatos sociais, realizar uma integração da personalidade e uma forma de se comunicar com as pessoas.

O grupo de crianças da Oficina Lúdica é um espaço de trocas entre os participantes, em que o brincar possibilita a comunicação entre o grupo, há a possibilidade de cada um se mostrar intensamente e, a partir disso, pode-se desenvolver intervenções eficientes e com a contribuição de todos. “[...] vemos desenhar a necessidade de fazer circular o discurso cristalizado no sintoma, pontuando a singular posição que este ocupa na cadeia significante do sujeito, reendereçando a queixa, e principalmente o saber, à escola, aos pais e à própria criança” (STOLZMANN, M. M.; RICKES, S. M., 1999, p. 50).

Através do lúdico, podemos perceber a dinâmica dos sujeitos, como eles interagem com os outros e também como ocorre a relação com os seus progenitores.

Del Prette (2005) relata também que as habilidades sociais na infância são de extrema relevância, na medida em que pais e educadores frequentemente se sentem confusos e se queixam das diferentes formas de as crianças se comportarem. As crianças, por sua vez, também vivem situações complexas em casa, na escola, na realidade violenta dos meios de comunicação e em muitas regras contraditórias.

Nos grupos em questão, percebe-se que um repertório social fraco pode construir um sintoma ou correlato de problemas e sofrimentos psicológicos.



A terapia cognitivo-comportamental uniu-se ao grupo de Oficina Lúdica de crianças e Grupo de Pais, com a proposta de agregar seus conhecimentos e técnicas junto à psicanálise. Busca-se uma perspectiva inovadora, utilizando-se da criatividade subjetiva de cada criança através do lúdico. Dessa forma, têm sido trabalhadas as necessidades de cada uma delas, bem como as demandas do grupo.

As habilidades sociais são comportamentos que expressam sentimentos, atitudes e opiniões de forma adequada e eficaz com o contexto, respeitando o comportamento das outras pessoas e resolvendo problemas, diminuindo a probabilidade do surgimento de adversidades futuras (CABALLO, 2003). Almir e Zilda Del Prette (2005, p. 10) trabalham essas questões de treinamento de habilidade social com crianças no Brasil. Eles definem competência social como algo que “diz respeito aos efeitos de um desempenho social que articula pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as pessoas”.

### 3 GRUPO DE PAIS

Esse grupo funciona como um espaço que possibilita uma nova e mais adequada relação da dinâmica entre pais e filhos, servindo como um facilitador de problemas e possibilitando uma maior conscientização sobre o cuidado com as crianças. A partir desse espaço, realizamos discussões para reflexão em grupo a respeito do desenvolvimento infantil e do papel parental. Usando uma variedade de manobras técnicas e conceitos teóricos, os terapeutas usam as interações dos membros do grupo como efetadores de mudanças. O principal objetivo do Grupo de Pais é falar de questões parentais, e não conjugais, sendo o foco do grupo seus relacionamentos com os filhos em atendimento na oficina lúdica.

Zimerman e Col. (1997), ao abordarem grupos, apontam que um grupo não se constitui apenas com uma soma de indivíduos; ao contrário, há uma nova entidade que se forma, na qual todos os integrantes se reúnem face a face com um propósito, com um objetivo comum aos integrantes. Os autores ainda refletem que, apesar de um grupo se constituir como uma nova entidade, é de suma importância que a identidade de cada indivíduo desse grupo se mantenha preservada dentro desse processo.

Segundo Zanetti e Gomes (2011), há certa fragilização das funções parentais relacionada às dificuldades que os pais possuem em educar seus filhos, na atualidade, devido à insegurança e a dúvidas no exercício de suas funções. Percebe-se que no grupo há grande empenho por parte dos pais para que haja um “descolamento” das crianças. Essa dificuldade, muitas vezes, faz com que os pais superprotejam seus filhos, impedindo-os de criar autonomia e tolerar frustrações.

As demandas decorrentes no Grupo de Pais giram em torno da falta de limites e dos processos de aprendizagem dos filhos. Verificou-se, em nossa prática, que, apesar de as demandas serem semelhantes, os pais não as identificavam. Foi preciso intervir para que pudessem se dar conta da demanda dos filhos e seguissem o princípio grupal de universalidade. Segundo Murcia (2005), os



membros do grupo identificam-se, seja por sintomas, situações ou problemas comuns, o que pode resultar em uma maior coesão entre os membros.

Para Stengel (2011), os pais correm o risco de negar as dificuldades dos filhos quando é difícil de aceitá-las e contorná-las. Pensando nisso, parece que os pais não se apropriam da realidade em que as escolas se apresentam, negando, assim, até certa responsabilidade perante problemas e desafios com as crianças.

Foi observada também, no grupo, a ausência paterna, tanto física quanto em relação à função. Segundo Monteiro (2001), sob o ponto de vista da Psicanálise, a função paterna como ação, papel, possibilita o surgir do desejo, que, por sua vez, funda o sujeito. É um processo dinâmico que antecede e acompanha o sujeito por ela estruturado, além de contribuir com os elementos que povoam o imaginário e o simbólico de cada um.

A mesma autora refere que a função paterna é a representação da cultura na qual o indivíduo deverá ser inserido, que traz a lei, onde se lê interdição. Ela determina o enquadramento do homem para que a cultura se reproduza. Iniciar o indivíduo numa cultura é educar, controlar, limitar e, ao mesmo tempo, munir o sujeito de valores, afetos e costumes.

A partir do entendimento da Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC), realiza-se uma investigação durante os encontros para possibilitar o entendimento da dinâmica familiar e como ela pode afetar o funcionamento das crianças, suas crenças e seus esquemas. Feito isso, objetiva-se desenvolver uma compreensão, por parte dos pais, sobre os fatores que podem interferir e se perpetuar no comportamento disfuncionais de seus filhos. Estes compreendem a influência que os pais têm na forma como os filhos agem e sobre o fato de que adultos e, principalmente, os pais atuam como modelos de identificação, independentemente de estarem cientes desse papel ou não.

O enfoque do grupo de pais é o seu aproveitamento como agentes centrais de transformação para seus filhos, uma vez que são os progenitores que arquitetam e administram o meio de desenvolvimento das crianças. É importante destacar que, muitas vezes, as dificuldades apresentadas pela criança são respostas formatadas a partir de práticas de educação inconsistentes e inadequadas oferecidas pelos cuidadores. Assim, a TCC busca ultrapassar obstáculos cognitivos, emocionais e comportamentais a partir da avaliação de crenças e distorções cognitivas apresentadas pelos pais.

Trabalhando a resolução de problemas dentro dos grupos, observa-se que a ausência de autoridade por parte dos pais, na maioria das vezes, ocasiona a falta de limites das crianças. O limite na infância tem função estrutural importante na constituição psíquica dos sujeitos, estando intimamente relacionado com o desenvolvimento de aspectos como a capacidade empática, a internalização e a obediência a regras morais e sociais, a capacidade de atrasar gratificação, de lidar com a frustração e de autorregulação do comportamento. A construção do limite é também uma demonstração de amor e cuidado com seus filhos, o que contribui na redefinição dos papéis parentais.

Assinala-se também, no grupo, a necessidade de melhorar a qualidade da atenção dada à criança e proporcionar aos pais mecanismos para realizar isso, visto que a atenção parental é um reforçador





poderoso. Muitos pais negligenciam o reforço com seus filhos, sendo o comportamento do filho somente percebido quando é indesejável (FRIEDBERG; MCCLURE, 2004). Além disso, trabalham-se, no grupo, a importância do manejo adequado das emoções, a validação dos sentimentos e das emoções da criança e a maior consciência dos pais na hora de agir. Educar é incentivar o comportamento adequado, e não somente corrigir o inadequado. Entre as possibilidades de reforçadores positivos trabalhados, temos: dar atenção, possibilitar escolhas, organizar um tempo de qualidade com o filho, estabelecer limites e fazer elogios, estimulando, assim, os pais a serem coerentes e autoeficazes com aquilo que solicitam.

#### 4 METODOLOGIA

Foi realizada uma discussão teórica que sustenta o trabalho dos terapeutas, fazendo um breve relato das técnicas e como elas se complementam de forma inovadora, focando na diminuição das demandas iniciais observadas.

Os pais das crianças que se encontravam na lista de espera por atendimento no Centro Integrado de Psicologia foram contatados para o processo de triagem coletiva, ou seja, foi marcado um encontro com os pais e seus respectivos filhos, com o objetivo de verificar os encaminhamentos e as demandas de cada caso e a possibilidade de integrar a Oficina Lúdica e o Grupo de Pais. A segunda etapa, então, foi a análise e a verificação dos casos que teriam indicação para a Oficina Lúdica e o Grupo de Pais, feita a partir da avaliação dos estagiários juntamente com a professora supervisora.

Os selecionados foram comunicados sobre o funcionamento das Oficinas e do Grupo, os horários e os dias em que ocorreriam. O funcionamento dos grupos tem uma hora de duração e foi dividido em dois dias da semana (segundas e quartas-feiras). O critério para grupamento foi a faixa etária das crianças. Os dois grupos são conduzidos por quatro estagiários cada um, sendo que dois atendem a Oficina Lúdica, enquanto os outros dois, o Grupo de Pais nos respectivos dias da semana. A Oficina Lúdica das segundas-feiras é formada por crianças de seis a oito anos de idade, sendo seis crianças do sexo masculino e uma do sexo feminino. O grupo de Pais, com o mesmo tempo de duração, é formado por oito mães, três pais e um padrasto.

A Oficina Lúdica das quartas-feiras é formada por crianças de nove a 11 anos de idade, sendo oito crianças do sexo masculino e uma do sexo feminino. O Grupo de Pais, com o mesmo tempo de duração, é formado por nove mães e dois pais. Após cada encontro, os terapeutas da Oficina Lúdica e do Grupo de Pais reúnem-se para expor as demandas do dia e os comportamentos dos integrantes de ambos os grupos; também discutem as intervenções terapêuticas aplicadas e as impressões gerais; em seguida, transcrevem nos prontuários a evolução dos encontros. Uma vez na semana, todo o material produzido é discutido com a professora supervisora, que auxilia no entendimento e no processamento dos casos, para, assim, elaborar futuras intervenções.



#### 4 DISCUSSÃO

Inicialmente, na Oficina das segundas-feiras, foi sugerida uma conversa inicial com o grupo de crianças para estipular o que era possível e o que não era possível ser feito naquele espaço. Por exemplo, não é permitido bater no colega, subir em cima da mesa, jogar objetos em outra pessoa, sair da sala sem avisar, etc. Posso isso, percebemos que o grupo não conseguia ficar dentro dessas bordas, pois alguns membros, por questões individuais, tentavam sabotar as combinações. Então, fizemos uma outra combinação visando ao cumprimento das regras anteriormente estipuladas. Combinamos com as crianças e com os pais que aquele que não estivesse conseguindo minimamente se organizar para seguir o combinado teria que se retirar do grupo naquele dia e iria se juntar aos pais. Entendemos essa medida não como punição, mas como uma intervenção terapêutica necessária para responsabilizar o sujeito por sua posição.

Em um determinado encontro, uma das crianças não estava conseguindo cumprir o combinado e, após algumas tentativas de auxiliá-la, retomando as combinações através da fala, percebemos que, mesmo assim, essa intervenção não vinha surtindo efeito. Dessa forma, fez-se necessária a intervenção no ato. Quer dizer, solicitamos a saída de quem não estava conseguindo se manter dentro das bordas necessárias para que o grupo ocorresse e conversamos com a criança e seu familiar para deixar claro o porquê da saída de ambos naquele dia da Oficina.

Assim, foi possível refletir com todo o grupo sobre o ocorrido, sobre a dificuldade que as crianças apresentavam em cumprir combinações e dos pais de manterem-se firmes nos momentos necessários e colocarem-se na posição de pais como aqueles que marcam a interdição necessária para a organização do sujeito do desejo. Essa intervenção foi de grande importância terapêutica para que os pais se responsabilizassem pelo comportamento dos filhos, enquanto para as crianças surtiu um efeito de limite que não poderia ser ultrapassado para que pudessem permanecer no grupo, espaço do qual elas gostam de participar.

A partir disso, foi possível trabalhar, no grupo de crianças, a possibilidade de se expressar através da fala e não mais deixar transbordar no ato. Com isso, pudemos propor uma reflexão sobre a importância dos limites para que todos se sintam à vontade e acolhidos no grupo, o que vem se demonstrando extremamente terapêutico e efetivo para os dois grupos em questão, o de pais e o de crianças, visto que o trabalho realizado nos grupos se complementa.

Já na Oficina das quartas-feiras, por ser formada por crianças com mais idade que o outro grupo, sempre ao final é sugerida ao grupo uma técnica de relaxamento, mentalização e de atenção plena, que, por sinal, foi bem recebida pelo grupo.

#### 5 CONCLUSÃO

O Grupo de Pais e a Oficina Lúdica possibilitaram um grande aprendizado em relação à dinâmica familiar. Dessa forma, foram relevantes as intervenções terapêuticas que focaram o desenvolvimento psicológico e comportamental saudável frente às conflitivas parentais existentes.





Realizar a Oficina Lúdica e o Grupo de Pais, concomitante e paralelamente, sem dúvida, é uma inovação na área da psicologia, já que, na grande maioria das vezes, estes são trabalhados separada e individualmente. Aproximar as queixas dos pais sobre o comportamento dos filhos e realizar de forma integrativa o entendimento foi muito produtivo, visto que perceber o fenômeno por ângulos diferentes agrega o trabalho em ambos os ambientes. Outra inovação presente neste trabalho é a junção de terapeutas de Orientação Psicanalítica e de Orientação Cognitivo-Comportamental, que possibilitou a excelência da elaboração de técnicas e estratégias eficazes, beneficiando os dois grupos.

Nesse sentido, buscou-se utilizar o conhecimento psicanalítico sobre as bases essenciais de estruturação e constituição do psiquismo, assim como o desenvolvimento psíquico saudável e suas características a favor do desenvolvimento infantil (MOTTA, 2008. p. 122). Descarte vislumbrar-se o resgate do saber paterno e materno, que anda em desuso, muitas vezes substituindo por elementos virtuais.

Winnicott (1971) afirma que a família é o espaço de acolhimento e saúde. A prática clínica busca resgatar esse espaço saudável, interativo, dinâmico, no qual pais e filhos se reinventam nessa relação.

Assim como pais e filhos buscam se reinventar na relação, outra inovação presente neste trabalho foi a junção de terapeutas de orientações teóricas diferentes, Psicanalítica e cognitivo-comportamental, que possibilitou a excelência da elaboração de técnicas e estratégias eficazes, beneficiando ambos os grupos. Utilizando de ferramentas lúdicas como uma forma plena de criatividade para com as crianças, propiciaram-se um boa interação e o fortalecimento de vínculo entre elas, sempre elaborando as demandas que surgiram.



## REFERÊNCIAS

- ALMIR e ZILDA, Del Pretti. **Habilidades Sociais: Programas efetivos em grupo**. São Paulo, SP. Casa do Psicólogo, 2011.
- ARIÈS, P. (1981). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC. FELICE, Eliana Marcello de. O lugar do brincar na psicanálise de crianças. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 5, n. 1, jun. 2003. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151636872003000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872003000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 out. 2015.
- CABALLO, V. C. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. 1 ed. São Paulo: Editora Santos, 2003.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FREUD, S. (1976a). O esclarecimento sexual das crianças. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 9, p. 135-144. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1907).
- FRIEDBERG, R. D.; McCLURE, J. M. **A prática de clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KLEIN, M. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LACAN, J. (1969/2003). **Nota sobre a criança**, In: \_\_\_\_\_. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 369-370.
- MONTEIRO, Dalva de Andrade. **A função paterna e a cultura**. Cogito, Salvador, v. 3, 2001.
- MOTTA, I. F. Intervenções psicoterápicas no desenvolvimento psicológico: o trabalho com os pais. In: GOMES, I. C. **Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 113-123.
- MURCIA, Juan M. e colaboradores. **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre, Artmed, 2005.
- STENGEL, Márcia. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 17, n. 3, dez. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682011000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000300011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 out. 2015.
- STOLZMANN, M. M.; RICKES, S. M. Do dom de transmitir à transmissão de um dom. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 16, 1999.
- WINNICOTT, D. W. (1971). **Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1984. 427 p.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.
- ZIMERMAM, D. E. et al. **Como trabalhamos com grupos**. São Paulo, SP: Artes Médicas, 1997.
- ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; GOMES, Isabel Cristina. A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea: determinantes e consequências. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, dez. 2011.